

FILIPPOS

“Colonia Augustus Iulia Victrix Philippensium”

Francisco Orofino

Chegando a Filipos

“De Trôade, partindo para o alto-mar, seguimos em linha reta para Samotrácia. De lá, no dia seguinte, para Neápolis, de onde partimos para Filipos, cidade principal daquela região da Macedônia” (At 16,11-12).

Segundo o relato em Atos, Filipos foi a primeira cidade da Macedônia a receber a visita da equipe missionária liderada por Paulo. Ela era uma cidade estratégica e com muita história.

Filipos surgiu no século IV aC com o nome de Crênides (Fontes de água), provavelmente pelo grande número de fontes de água que brotavam das colinas ao redor. Desde sua origem, Filipos era considerada uma importante base militar para a defesa da costa greco-macedônica. Foi por sua preocupação com as defesas da Trácia recém-conquistada que Felipe II da Macedônia, pai de Alexandre Magno, ampliou e fortaleceu a cidade, dando a ela o seu próprio nome, Filipos (*Philippoi*). A cidade pertencia a uma rede de fortificação que protegia a estrada original, a futura Via Egnácia dos romanos, que fazia a ligação terrestre de todo o norte da atual Grécia.

Em 168 aC o cônsul romano Emílio Paulo derrotou o rei macedônico Perseu. Toda a Macedônia passa a ser uma província romana a partir de 146 aC, residindo o cônsul na cidade de Tessalônica. A província da Macedônia foi então dividida em quatro distritos. Filipos ficou pertencendo ao primeiro distrito, cuja capital era Anfípolis. Não sabemos se de fato, a partir do que diz Atos 16,12, Filipos se tornou uma das “principais cidades” da Macedônia. Ou seja, se Filipos tornou-se a capital do distrito, substituindo Anfípolis. O fato é que a importância da cidade cresceu muito nos primeiros anos do Império Romano, devido à sua sempre reconhecida posição estratégica.

O destino histórico de Filipos foi definido no ano 42 aC. Perto de Filipos as tropas romanas republicanas, comandadas por Brutus e Cássio, foram derrotadas por Otaviano e Antônio. Era o fim da república romana. O vitorioso Antônio refundou a cidade estabelecendo nela um grupo de veteranos da vigésima oitava legião. Cerca de onze anos mais tarde, no mesmo lugar perto de Filipos, Antônio foi derrotada por Otaviano. Era o início do império. Para lembrar o lugar de sua vitória e o início de seu império, em 31 aC, Augusto ampliou a presença de tropas em Filipos, inclusive com uma coorte de pretorianos.

“E também colônia romana” (At 16,2)

Com a reorganização da cidade, Otávio elevou-a à condição de “colônia romana” com o nome de Colonia Augustus Iulia Victrix Philippensium. A prática romana

de criar colônias para assegurar seus domínios surgiu no século IV aC quando Roma garantiu militarmente todo o domínio da atual Itália através de suas “colônias”. Estas colônias podiam ser “romanas” se todos os novos habitantes eram considerados cidadãos romanos. Ou “latinas” se seus habitantes provinham de outras cidades do Lácio. Nos pontos mais importantes da região conquistada, onde havia bons portos na costa ou estradas militares no interior, construía-se fortalezas guarnecidas de cidadãos romanos, dando a eles grande área das terras públicas ao redor, destinadas para plantações e gado. Estas terras eram definidas, dentro do direito romano, como de *ager publicus* ou *ager romanus*, ou seja, eram consideradas terras de propriedade do povo romano. Todos os seus habitantes registrados na colônia como romanos, civis ou militares, pertenciam ao funcionalismo público imperial. Neste sentido, todos estes cidadãos podem ser considerados “da casa de César” (cf. Fl 4,22). Nestas condições, a cidade estava sob a jurisdição das leis romanas (At 16,12), tendo seus cidadãos a proteção da *ius italicum*, ou seja, a cidadania imperial plena. Todo o cidadão romano estava protegido de prisões arbitrárias, flagelação, crucificação e outros castigos, através da *Lex Julia* e da *Lex Porcia*. É sintomático que o texto de Atos relatando a estadia de Paulo e sua equipe em Filipos trata muito bem da questão dos “direitos de cidadão romano” (cf. At 16,35-40).

Finalmente, quando em 27 aC o Senado deu a Otaviano o título de “Augusto”, a colônia de Filipos recebeu seu nome definitivo: Vitoriosa Colônia Augusto Júlia dos Filipenses.

A cidade

A equipe missionária de Paulo começa a evangelizar a Europa a partir de Filipos. Provavelmente a equipe encontra algumas dificuldades. Sendo uma colônia romana, Filipos apresenta uma série de evidências arqueológicas mostrando seu perfil mais latino do que grego. Segundo dados obtidos, das 421 inscrições coletadas no sítio arqueológico de Filipos, apenas 60 são em grego e, em algumas, num grego bem arcaico. O restante é em latim. Podemos deduzir que a língua corrente em Filipos fosse o latim, embora o comércio falasse o grego comum (*koiné*). As moedas encontradas mostram que a cidade manteve o nome em latim até o reinado do imperador Galieno (260-268 dC). O plano da cidade é um traçado respeitando a Via Egnácia como eixo central, cujo centro era o fórum da cidade. Junto ao fórum havia uma série de santuários. No centro da cidade, junto à ágora, erguia-se um mausoléu dedicado a um sacerdote de cabiro, divindade considerada como a fundadora da cidade e venerada até meados do terceiro século da Era Cristã.

A cidade não era grande. Filipos não está entre as vinte maiores cidades do Império Romano. O que significa que sua população ficaria abaixo dos 30 mil habitantes. Sua área urbana ocuparia um espaço variando de seiscentos a oitocentos metros de muralha a muralha, no eixo leste-oeste. Se for levada em conta a média de espaço entre edificações públicas e área popular, também em Filipos a área pública (edificações administrativas e militares, templos e santuários, monumentos e armazéns) ocuparia en-

tre 45/50% da área da cidade. O restante da população ficava espremida no espaço restante, vivendo em pequenas casas, algumas com dois andares, sem qualquer infraestrutura de saneamento básico. Como na grande maioria das cidades da época, as ruas não teriam mais de três metros de largura.

A cidade era bem situada, dada sua importância comercial e estratégica. Por Filipos passava a Via Egnácia, a importante rota comercial que ligava Roma às províncias orientais. A estrada acabava na cidade de Bizâncio, que será a futura capital imperial de Constantinopla, a partir do século IV dC. Por outro lado, já vimos que Filipos formava a principal linha de defesa dos romanos contra os povos germânicos que vinham do Danúbio em direção ao Bósforo. Tal perigo só foi solucionado quando o imperador Trajano conquistou a Dácia (atual Romênia), colocando a fronteira do império bem mais ao norte, a partir de 110 dC. A importância militar de Filipos se mostra tanto na batalha entre os herdeiros de César contra os republicanos quanto na linha de defesa montada com as guarnições de soldados estacionadas na cidade. A fronteira imperial entre Macedônia e Trácia foi sucessivamente atacada a partir do governo de Marco Aurélio entre 175-180 dC.

Situada entre montanhas, Filipos foi durante certo tempo importante centro de produção de ouro e prata. Os metais eram tirados de minas situadas na montanha Pangeon, perto da cidade. No começo do primeiro século da Era Cristã tais minas já estavam esgotadas. Mas a importância comercial de Filipos é mostrada através da presença de gente como Lídia (At 16,14). Como o próprio texto diz, ela era “comerciante de púrpura, da cidade de Tiatira”. Portanto, Lídia representa um tipo de população de origem grega em Filipos, aproveitando-se das boas oportunidades comerciais geradas pela presença das tropas romanas na cidade. O porto da cidade, chamado Neápolis, fazia a ligação de Filipos com as demais cidades das províncias da Macedônia, da Ásia ou da Acaia. No entanto, a principal atividade em Filipos estava ligada à agricultura, já que as terras dos veteranos transformaram-se em fazendas muito produtivas.

Devido ao grande número de guarnições romanas, a cidade tinha mais da metade de sua população de origem latina. Filipos se considerava uma cidade romana (cf. At 16,21). Na qualidade de colônia, tais guarnições conviviam com a população original, de macedônios e gregos, que cultivavam a terra e cuidavam dos rebanhos. Parte dos lucros deste trabalho pertencia a Roma, representada pelo arrecadador do império, o *quaestor*. Este respondia diretamente ao pretório na capital, Tessalônica. Dentro do direito romano, esta população autóctone era considerada como “estrangeiros” (*peregrini*) sem direitos específicos.

O texto de Atos (At 16,11-40) nos traz uma série de informações sobre o governo da cidade. Criado o tumulto na ágora, Paulo e Silas foram arrastados diante dos “magistrados” (*archontes*). Depois foram apresentados aos *stratego*i. Este título sugere que eles são os comandantes militares da cidade. Estes, através dos litores (*rabdouchos*), comandam todo sistema de segurança da cidade, inclusive as prisões. O relato demonstra que no caso de Paulo não houve um julgamento formal dos dois acusados. Por isso mesmo, na hora em que seria solto, Paulo reclama seus direitos de “cidadão romano”.

Não sabemos bem se havia uma grande população de judeus. Ao que tudo indica, quando a equipe missionária de Paulo chegou a Filipos não encontraram uma sinagoga na cidade (At 16,13). Mas havia gente que se reunia fora da cidade num lugar “de oração” (At 16,13.16) (*proseuchèn*), palavra que pode significar uma sinagoga, ou mesmo um “lugar de oração” fora da cidade. Neste local poderiam estar reunidos os judeus de Filipos. Mas Atos registra a ausência de um local de acolhida para a equipe missionária. Vemos nas várias passagens de Atos que Paulo procurava primeiro uma sinagoga na cidade. Encontrando-a, estava resolvido o problema de hospedagem, já que era função de uma sinagoga garantir a hospedagem de judeus itinerantes. Neste local de oração havia gente propensa a aceitar a religião judaica. Entre elas a já citada Lídia. Lídia é definida como “adoradora de Deus” (*seboméne tón Teón*). A casa de Lídia é o começo de uma nova comunidade cristã. A primeira comunidade cristã na Europa. É na casa de Lídia que a equipe missionária encontra hospedagem.

O texto de Atos (At 16,6-7) insinua que havia várias oportunidades de itinerários para a equipe missionária de Paulo. Talvez o caminho mais natural seria mesmo descer para a província da Ásia, cujo centro em Éfeso se tornaria futuramente muito mais estratégico e importante para a difusão da fé cristã. Mas o Espírito impediu a ida para a Ásia e não permitiu a ida para a Bitínia. O Espírito se manifestou no apelo do macedônio: “Vem para a Macedônia e ajuda-nos!” Desta forma surge assim a comunidade cristã de Filipos, que tanta importância terá na vida de Paulo e que acabou por merecer uma carta amável e carinhosa. Coisas do Espírito!

Bibliografia consultada

– informações sobre a história e as estruturas romanas:

ROSTOVITZ, M. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

– sobre Filipos e a história da comunidade cristã:

CROSSAN, J.D. & REED, J.L. *Em busca de Paulo* – Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. São Paulo: Paulinas, 2007.

MEEKS, W. *Os primeiros cristãos urbanos* – O mundo social do Apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 1992.

MESTERS, C. & OROFINO, F. *Atos dos Apóstolos* – Círculos Bíblicos. São Leopoldo: CEBI-Paulus, 2002.

MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo* – Biografia crítica. São Paulo: Loyola, 2000.

Francisco Orofino
Castelo Branco, 313/12
Nilópolis, RJ
26525-122